



EDUCAÇÃO COMPLETA

AGORA ATÉ O ENSINO MÉDIO

A Esfera acolhe e prepara crianças e jovens da Educação Infantil ao Ensino Médio para os desafios do século XXI.



- Rigor acadêmico e mentalidade internacional
- Experiência de 15 anos em educação
- Única escola no Vale do Paraíba com certificação IB
- Oportunidades em universidades brasileiras e internacionais

Google
for Education



AGENDE SUA VISITA
E CONHEÇA A ESFERA

12 3322 1255 • 12 99634 1981
www.escolaesfera.com.br

 @esferaescolainternacional
 @esferaescolainternacional

Seja Esfera. Be Sphere.
Be Open to the World!



Estude na melhor Faculdade de Administração e Negócios de São Paulo

Graduação FIA agora
também no período **noturno!**



SAIBA MAIS!
11. 97121-0809



Campus da FIA
em Pinheiros



DIPLOMA NA GAVETA:

os recém-formados no Ensino Superior que não conseguiram emprego na área e buscaram alternativas

Levantamento aponta que 40% dos jovens entre 22 e 25 anos com Ensino Superior trabalham em áreas que não exigem faculdade

Da reda o

RMVALE

Chegar ao fim de um curso no Ensino Superior, vestir a beca e festejar a conquista com familiares e amigos   sem d vida um dos grandes sonhos dos jovens atualmente. Apesar de todas as justas comemora es, o pós-formatura vem se mostrando bem difícil aos jovens, principalmente no que se refere ao primeiro emprego na área de forma o. Por isso, muitos jovens estão guardando o tão

sonhado diploma na gaveta e migrando para trabalhar em outras áreas.

Uma pesquisa da IDados, sobre o primeiro semestre de 2020, aponta que 40% dos brasileiros com idade entre 22 e 25 anos que já haviam se formado no Ensino Superior trabalhavam em alguma área que não exige forma o. O número representa 525,2 mil jovens formados trabalhando fora da área que se formaram para atuar. A tendência  

que a pandemia acabe agravando ainda mais o cenário dos recém-formados.

Outro fator preocupante   o desemprego entre os jovens, com ou sem forma o do Ensino Superior. De acordo com um levantamento da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) em parceria com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 27% dos jovens com idade entre 18 e 24 anos estavam desempregados no primeiro semestre de

2020. A porcentagem aumentou em comparação com o último semestre de 2019, quando os mesmos órgãos mostraram que 23,8% dos jovens da mesma faixa etária não estavam empregados.

Para driblar o desemprego e até mesmo por opção, muitos jovens estão deixando o diploma de lado e buscando oportunidades de emprego em outras áreas.

É o caso de Leonardo Santander, que se formou em Engenharia Civil no segundo semestre de 2019, mas hoje trabalha como músico. Ele começou a faculdade por acreditar que a engenharia seguiria sendo um curso com alto número de vagas de emprego, mas não foi o que aconteceu. “Alguns anos atrás diziam que a área estava e continuaria em alta. Houve um aumento absurdo de alunos nas engenharias. Mas, como era previsto, o mercado foi ficando saturado e a economia caiu, o que dificultou a oferta de empregos e diminuiu o número de vagas”, conta Leonardo.

O engenheiro também acredita que o pós-pandemia deva contribuir para o aumento do número de recém formados que não atuam na área, mas afirma que isso será passageiro. “Acho que será mais difícil no começo e melhorará com o tempo. Muitas empresas estão fechando, mas talvez, com sorte, abrirem novamente após um tempo e precisarão de pessoal. Nesse meio tempo vai ter um certo “rodízio” de pessoal, o que



aumenta as chances de conseguir algo”.

Atualmente, Santander não pensa em deixar de ser músico ou deixar a engenharia de lado, pelo contrário, ele pretende unir as duas áreas. “Eu quero mesclar minhas duas profissões. Então meu foco é me especializar em acústica e engenharia de áudio, acaba que esses dois mundos se cruzam vez ou outra nesse meio tempo”, conta.

Para ele a formação pode ser um diferencial nas duas áreas. “Acho eu que realocar minha profissão pode acabar me ajudando, por não ter tanta concorrência e ao mesmo tempo tornar meu trabalho um tanto flexível. Tento me manter nessa ideia”, afirma o engenheiro e músico.

Outro jovem que se formou em 2019, mas em jornalismo, e não atua na área é Leonardo Ribeiro. Mas ele preferiu

mudar de área por outros motivos além da falta de oportunidades. “Já trabalhei num jornal por alguns meses. Eu acabei não tendo muito interesse pela minha própria área depois de assistir tantas palestras na faculdade sobre como ser jornalista é estressante. Valeu a pena por todo o conhecimento que eu absorvi e principalmente pelo desenvolvimento pessoal, fiz mais amigos e me diverti bastante”, conta Ribeiro.

Leonardo trabalha num mercadinho de família, em Caçapava e, atualmente não se vê trabalhando na área de formação. “Eu honestamente não me vejo trabalhando na área nesse momento, não sei bem dizer o motivo. Talvez insegurança ou falta de interesse. Eu vou continuar me dedicando a escrita e ao meu atual emprego por quanto tempo for possível”, afirma.

PREFEITO
**FERNANDO
DINIZ**
VICE
**CRISTIANE
PAGÉ**

19

Juntos podemos
fazer muito +
para Caçapava

COLIGAÇÃO JUNTOS PODEMOS MUITO MAIS

podemos
PARTIDO VERDE

Partido Verde

CNPJ: 38.848.493/0001-97 • CNPJ: 25.023.850/0001-36 • VALOR PAGO PELO ANÚNCIO: R\$ 2.000.



PERSISTIR OU DESISTIR?

A dificuldade em conseguir o emprego na área pode fazer com que o formado fique inseguro em relação ao próprio futuro na profissão.

Em entrevista ao site da Quero Bolsa, site especializado em instituições de ensino superior, Laís Vasconcelos, que é especialista em recrutamento da Robert Half – empresa referência na área de recursos humanos – afirmou que vale a pena insistir para trabalhar no nicho em que se formou. “Antes de ingressar em outras áreas, o ideal é tentar entender o que falta em termos de qualificação, para que o profissional seja desejado pelas empresas, sem deixar de lado o aprimoramento constante”, afirma.

GERAÇÃO NEM NEM

Um dos fatores que podem explicar a dificuldade do jovem em conseguir se inserir no mercado de trabalho é fazer parte da “Geração nem nem”, nome dado aos que não trabalham nem estudam. Para o professor mestre em economia do trabalho, Edson Trajano, esse é um dos fatores que explicam a falta de empregabilidade nos membros da geração, nascidos a partir de 1995. “Eu chamo a atenção para o fato de que há 10 milhões de jovens no Brasil, o que representa um

em cada quatro, que não estudam nem trabalham. Quando o jovem entra nessa condição estar fora do mercado de trabalho consequentemente ele tem menos experiência”, explica o mestre.

A estatística apresentada pelo professor é embasada em uma pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que aponta um crescimento na geração nem nem. Em 2005, 19,7% dos jovens não trabalhavam e nem estudavam, em 2015 o número passou a representar cerca de 22,5% das pessoas entre 15 e 29 anos. Em 2020, o número continuou subindo, chegando a casa dos 25%. Praticamente um a cada quatro jovens não trabalha e nem está matriculado em nenhuma instituição de ensino.

Para o professor Trajano, ser parte do percentual fora das escolas e postos de trabalho atrapalha o desenvolvimento pessoal do jovem, das empresas e até mesmo do país. “Quando o jovem está fora do ensino superior e fora do ensino técnico a tendência é que ele fique cada vez mais fora do mercado de trabalho. São duas possibilidades de sucesso que o jovem tem ao almejar uma carreira com melhor qualidade quando já está empregado: crescer na empresa e mudar de vida lá dentro ou ser contratado para um cargo melhor”, afirma o estudioso, que completa “O problema é quando ele não está estudando e nem trabalhando, isso é um problema social para o país todo, ou seja, o presente desse jovem é ruim e o futuro também, já que ele não se prepara para o futuro”.

Apesar disso, engana-se quem acha que a culpa do alto número dos representantes da geração é apenas o comodismo dos jovens.

“As empresas buscam trabalhadores mais experientes e é difícil para o jovem conseguir chegar ao primeiro emprego, o que o deixa sem experiência. A estrutura familiar do jovem também afeta nessa estatística, principalmente em relação a renda. Muitos não têm condições financeiras de entrar na faculdade e não tem estudo

o suficiente para entrar numa faculdade pública, então ele tem dificuldade de inserção no ensino. Por outro lado, tem dificuldade de entrar no mercado de trabalho por não ter experiência nem formação”, conta o docente.

Ainda segundo Trajano, modelos de países europeus podem servir para diminuir os números ruins da geração no Brasil. “Creio que deveria ter mais bolsas de estudo para que os jovens consigam estudar mais, isso acontece muito nos países desenvolvidos, consequentemente os jovens se inserem mais tarde no mercado de trabalho, mas com mais qualificação. Não tem sentido num país como o Brasil, onde você tem 14 milhões de desempregados, você têm um grupo de jovens que trabalha e estuda muito, seria melhor ter um grande grupo de jovens que só estuda. Se o jovem fica mais tempo na escola, melhor qualificado ele fica, mas isso depende de um suporte financeiro”, afirma.

OUTROS FATORES

A Geração nem nem e a falta de experiência não são as únicas explicações para o baixo índice de empregabilidade entre os jovens formados.

“Nós temos um aumento no número de formados no ensino superior no país, devemos lembrar que ocorreu uma expansão das faculdades no Brasil e consequentemente um aumento no número de pessoas formadas e esse aumento foi maior do que o número de vagas disponíveis para as pessoas com o ensino superior, então consequentemente temos uma maior oferta de pessoas formadas do outro lado uma menor demanda por vaga de emprego com maior qualidade”, analisa o docente.

Ainda segundo ele, a situação econômica do país nos últimos quatro anos vem contribuindo para a queda no número de empregados. De acordo com os índices divulgados pelo Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) o Brasil fechou cerca de 500 mil postos de trabalho no ano e já passou da

casa 13 milhões de desempregados.

Ainda para o docente, é cedo para definir um parâmetro para a recuperação do cenário econômico e pra volta da geração de empregos no país, mas já é possível imaginar quais áreas devem crescer no pós-pandemia.

“As vagas no mercado serão cada vez mais disputadas. O setor de tecnologia, principalmente de comunicação, já apresenta um volume de contratação mais acelerado no Brasil, é um setor que deve ganhar força. Logística e tecnologia são dois setores com maior destaque, vendas presenciais deve ficar pra trás”, afirma Trajano.

Por outro lado, outras áreas devem sofrer com o período de recuperação. “Atividade de comércio presencial, principalmente em grandes redes, deve reduzir bastante, já que as pessoas começaram a fazer compras online e essa é uma tendên-

cia que veio pra ficar. Minha preocupação é com o setor industrial, o Vale do Paraíba tem muitos empregos na indústria, mas cidades como Taubaté estão com sete anos consecutivos com queda de emprego formal na indústria”, prevê o mestre.

Mesmo com os “pontos negativos” sobre a empregabilidade das pessoas com diploma de Ensino Superior, Edson Trajano afirma que é fundamental ter uma faculdade para se inserir no mercado de trabalho. “Hoje o diploma não garante a empregabilidade, sem o diploma você não tem sucesso no mercado de trabalho. É importante destacar que tanto faculdades a distância quanto presenciais podem ter muita qualidade, assim como públicas e privadas. É fundamental que o aluno estude pois o mercado de trabalho está ruim para quem tem o ensino superior, mas ainda está muito pior para aqueles que não o têm. A taxa de

desemprego aumentou entre os formados, mas aumentou ainda mais entre os que não tem diploma”.

Aos que ainda estão em dúvida sobre qual carreira seguir, o site do MEC (Ministério da Educação) conta com as notas dos cursos de todas as instituições de Ensino Superior do país. Outra alternativa para dar início a carreira é conversar com profissionais já formados ou alunos que estudem no curso e instituições almeçadas.

O professor também deu dicas aos que ainda estão cursando o Ensino Superior e vão se formar. “Aceite o primeiro emprego, principalmente em empresas com possibilidade de plano de carreira, para crescer lá dentro. Ninguém vai terminar o ensino superior e vai entrar no emprego dos sonhos, ele vai conquistar dentro da empresa promoções e mudanças de cargo”, encerra o docente. ■

BASE FORTE, ALUNOS PREPARADOS!

A Escola Moppe é a escolha certa para seu filho porque oferece uma **base forte**, que contempla **valores éticos, conteúdo sólido e competências**.

O trabalho com essa **tríade** prepara os alunos para os desafios da vida. São **38 anos** de história sendo referência e promovendo uma educação forte e moderna, aliadas ao prazer de aprender, com o intuito maior de explorar o potencial de cada aluno.

MATRÍCULAS ABERTAS

BERÇÁRIO • EDUCAÇÃO INFANTIL • ENSINO FUNDAMENTAL I E II
PERÍODO COMPLEMENTAR BILÍNGUE • ATIVIDADES EXTRACURRICULARES

f /escolamoppeoficial  www.moppe.com.br

Escola Moppe

Av. Lineu de Moura, 1655 | Urbanova
São José dos Campos-SP

☎ (12) 3949.9380

📍 (12) 99711.8037

Berçário Bambini

R. Carlos Chagas, 346 | Jd. Esplanada
São José dos Campos-SP

☎ (12) 3204.4610

📍 (12) 99645.4255



CUIDAR DE VOCÊ

Um compromisso que se renova a cada ano.



A cada ano que passa o nosso compromisso com você aumenta. Já são cinco anos levando atendimento de qualidade para todo o Vale do Paraíba. Hoje, estamos mais perto de você com 11 unidades planejadas para acolher e oferecer tecnologia de ponta e uma equipe preparada para cuidar de cada detalhe da sua saúde.



www.sabin.com.br

☎ 12 2138-9500



sabin
MEDICINA DIAGNÓSTICA